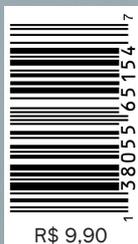


TRILHA ECONÔMICA

FORTALEZA, NOVEMBRO DE 2011 | 1



R\$ 9,90



A vila do Pecém após a chegada do Porto

Investimentos no Porto do Pecém mudam rotina dos habitantes da pequena vila de pescadores

Energia: Investimentos em termelétricas passam de R\$ 4 bilhões

Economia: Conheça a rota das frutas que saem do Pecém para outros países

Contraponto: Especialistas falam sobre implantação de siderúrgica no Pecém





Praia do Pecém no final de tarde. (FOTO: GISA CARVALHO)



O desenvolvimento é um processo que abrange várias camadas da população. Não se trata apenas de investimentos e lucros ou prejuízos. O que se discute, aqui, é um conjunto de transformações que atinge desde os grandes investidores até o simples pescador de uma vila que não dispensou qualquer moeda para fazer os empreendimentos caminharem. **PÁGINA 20**

NOTÍCIA

Criação do Centro de Treinamento Tecnológico do Ceará tem o objetivo de qualificar mão de obra para o Cipp.
PÁGINA 27

REMINISCÊNCIAS

As mudanças na cidade de Sobral no processo de desenvolvimento econômico. Por Herbênyia Alves.
PÁGINA 38

CONTRAPONTO

Siderúrgica. Um caminho para o desenvolvimento ou o primeiro passo para um retrocesso socioeconômico? **PÁGINA 8**

REPORTAGEM

Saiba os impactos que os grandes empreendimentos podem trazer para a comunidade **PÁGINA 16**

RADARECONÔMICO

Veja os números que envolvem o Complexo Industrial e Portuário do Pecém. **PÁGINA 26**

REPORTAGEM

A região do Pecém tem se tornado um local onde a venda e o aluguel de imóveis cresce a cada dia. Estas atividades fazem parte da vida dos moradores da vila, além da chegada de diversos empreendimentos na área da construção civil. **PÁGINA 28**

OPINIÃO DE JORNALISTA

O Jornalismo Econômico é centro das discussões nesta 1ª edição. Por Ana Cristina Cavalcante e Rodrigo de Almeida **PÁGINA 36**

PANORAMA

A superação da extrema pobreza e o desafio das desigualdades sociais. Por Hugo Renan do Nascimento. **PÁGINA 31**

ROTAS DE EXPORTAÇÃO

Conheça o caminho que as frutas cearenses fazem até a mesa do consumidor na Europa **PÁGINA 12**



EDITORES

Herbênyia Alves e Hugo Renan do Nascimento

REPÓRTERES

Herbênyia Alves e Hugo Renan do Nascimento

FOTOGRAFIAS

Gisa Carvalho (MTE JP 2603/CE),
Herbênyia Alves e Hugo Renan do Nascimento

PROJETO GRÁFICO

Herbênyia Alves e Mariana Lazari (MTE 2613 JP/CE)

DIAGRAMAÇÃO

Mariana Lazari

REVISÃO

Herbênyia Alves e Hugo Renan do Nascimento

ORIENTAÇÃO

Professora Klycia Fontenele de Oliveira

COLABORADORES

Ana Cristina Cavalcante, Gisa Carvalho, Leandro Sá,
Socorro Rodrigues e Rodrigo de Almeida

FOTO DA CAPA

Gisa Carvalho

A revista “Trilha Econômica” foi realizada como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

Fortaleza, novembro de 2011.



Porto do Pecém visto a partir da praia do Pecém (FOTO: GISA CARVALHO)

A revista **Trilha Econômica** foi concebida como um produto destinado ao público em geral, com uma linguagem acessível, sem, no entanto, desvincular-se do jornalismo econômico nas suas tradicionais formas, com gráficos, números e tabelas. A revista priorizou um jornalismo econômico mais leve, com temáticas que atingem toda a sociedade e não apenas agentes do capital, como investidores e governos, por exemplo. A ideia principal é suprir uma lacuna atual no meio editorial cearense por uma revista especializada neste tipo de jornalismo.

Trilha Econômica tem a preocupação de fazer um jornalismo econômico sem esquecer todos os personagens que compõem o cenário atual do Ceará, dando importância desde o investidor ao morador que será atingido por determinado investimento. Um jornalismo com um olhar para o social, não somente com uma visão de mercado, mas também aquela que interfere cotidianamente na vida das pessoas.

Nesta 1ª edição, o leitor vai encontrar conteúdos que mostram o rumo que o estado está tomando no que diz respeito aos grandes empreendimentos no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp), na Região Metropolitana de Fortaleza. Investimentos estes que proporcionarão melhoria na qualidade de vida das pessoas, mas também que apresentam pontos negativos aqui apresentados.

Destaque para a matéria de capa que mostra as mudanças na vila do Pecém trazidas com o terminal portuário. Mudanças boas e ruins nas mais variadas formas. Melhorias foram alcançadas, mas também muitos problemas advindos com a construção do porto.

Trilha Econômica ainda traz informações sobre termoeletricas, siderúrgica, Centro de Treinamento Tecnológico do Ceará (CTTC) e outros futuros empreendimentos e investimentos para o estado.

Boa leitura.

O preço do desenvolvimento: o que se espera com a construção da siderúrgica no Ceará?

Pensar em soluções para conter ou, pelo menos, evitar que alguns problemas decorrentes da tecnologia afetem pessoas de comunidades próximas aos locais onde empreendimentos de grande porte serão construídos ainda é um desafio. Os resultados que envolvem a construção de empresas como uma siderúrgica, por exemplo, podem ser mais desastrosos do que se pode imaginar. Mas será que há apenas aspectos negativos da construção desses empreendimentos? O que podemos esperar de bom?



Trazer grandes empreendimentos ao Ceará poderá ser uma solução para acabar com a pobreza no estado. É o que pensa o presidente do Sindicato da Indústria Metal-mecânica do Ceará (Simec) e engenheiro mecânico, Ricard Pereira. Na entrevista que segue ele fala dos pontos positivos com a instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) e diz que, mesmo com os impactos ambientais, o estado não deve se privar de um investimento como este.



Os impactos ambientais não compensam o desenvolvimento econômico. “A natureza está reagindo a cada dia com a ação do homem e a tecnologia por si só não resolve o problema da degradação”. A afirmação partiu da pesquisadora do núcleo Tramas (Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade) do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da UFC, mestre em Saúde Pública, Graça Vianna.

TRILHAECONÔMICA Quais os impactos positivos com a instalação da CSP?

RICARD PEREIRA Qualquer tipo de investimento que venha para o Ceará e que obedeça a todos os critérios técnicos e ambientais são investimentos bem vindos. Somos um estado economicamente pobre. Temos de atrair investimentos porque o crescimento não se pode dar se não, através de investimentos. Tem gente que diz que é uma loucura, é um crescimento forçado e uma decisão política, mas é o que gera investimentos para o Ceará. Qualquer tipo de investimento vai gerar emprego. Você começa a criar uma cadeia. É a moradia, é o dormitório, é uma infraestrutura que cresce. O próprio governo, hoje, tem um investimento de um centro tecnológico na região do Pecém [CTTC]. Esse pessoal todo vai precisar de formação e especialização. Esse benefício social se expande como uma onda. Não somente pelo serviço de assistência direta pelo próprio complexo, mas, como um benefício social. O capital pago na folha de pagamento vai circular naquele local e vai gerar outras riquezas.

TE Você acredita que o Pecém tem estrutura para aguentar esta demanda?

RP Não! Não tem. O fato é que todos os projetos de grande tamanho, de desenvolvimento no país, tiveram problema de mão de obra. Imagine que você vai construir um projeto gigantesco. Não tem mão de obra, ela está praticamente toda empregada. Temos necessidade de mais mão de obra especializada. Nesse momento, a gente se desdobra. Um cara que trabalha 8 horas passa a trabalhar 10 ou 12 horas por dia.

TE Inicialmente, a CSP vai absorver os trabalhadores do Ceará?

RP Digamos que as grandes cabeças pensantes que vão dar direção ao projeto devem vir de fora porque têm expertise [competência ou qualidade de especialista]. Não temos aqui empresas com expertise em montar uma siderúrgica. Mas se vai montar uma siderúrgica e vai precisar de um galpão, temos aqui no Ceará empresas capazes de fazer galpões. Temos também empresas capazes, com funcionários capacitados e a visão do empresariado é de dar uma capacitação maior ao seu quadro e o próprio operário já busca algo direcionado. Existem cursos na própria Universidade Federal do Ceará (UFC) com várias ramificações para

TRILHAECONÔMICA Quais os pontos negativos que envolvem a construção de uma siderúrgica na região do Pecém?

GRAÇA VIANNA O primeiro ponto negativo é a questão fundiária. É destinada uma área para a implantação de um empreendimento de grande porte e não tem a preocupação com o que já acontece dentro daquele território. Há uma desorganização comunitária, a maioria das pessoas tem que sair de seus tetos por conta da desapropriação. Há uma pressão muito grande do governo. Como segundo ponto, a gente coloca o tipo de combustível, a matriz energética que vai ser utilizada porque a siderúrgica vem acoplada a uma termelétrica que vai gerar energia para a própria siderúrgica. Vai ser utilizado o carvão mineral que é um dos combustíveis mais poluentes que existe no planeta. Ele é um problema e vem trazendo problemas para as pessoas desde a sua extração e utilização. É um produto que provoca chuva ácida a cerca de 300 km, atinge uma área muito grande e é um combustível que é considerado o mais poluente de todos.

TE Há riscos para uma pessoa que trabalha em siderúrgica?

GV Uma siderúrgica trabalha com alguns fornos, com muito calor. Quem trabalha com muita exposição ao calor tem todos os tipos de riscos: os biológicos, os ergonômicos e os químicos. Todos podem afetar à saúde do trabalhador. São trabalhadores que vivem sob constante risco.

TE Mesmo sabendo de todos esses problemas o governo ainda defende o empreendimento. Que explicação você dá para isso?

GV Passa muito pelas questões políticas e econômicas. Quer dizer, o interesse de uma grande corporação é o mesmo. Ao invés de usar um tipo de combustível, ele usa outro. Claro que ele vai preferir usar o carvão mineral que é o mais barato que tem. Outro ponto é a questão política. Um empreendimento como esse dá uma visibilidade pra um governador para a vida inteira. Se ele consegue trazer esse tipo de empreendimento para um estado, o primeiro discurso é o discurso do emprego. Esse é o principal argumento que o governo tem para trazer o empreendimento.

TE O espaço que foi dado na mídia

atender a esta demanda. Está todo mundo se mexendo e com certeza muito da mão de obra será absorvida, aqui, do próprio cearense.

TE Existe uma previsão para esta siderúrgica entrar em funcionamento?

RP O passo inicial é o terreno. Existe aquele problema na região do Pecém, com a questão do indígena. O estado está buscando solucionar este problema. Existe já certa quantidade de terreno que foi liberado, mas o fato é que os investidores só começam a primeira etapa quando eles tiverem todo o terreno. Tudo é questão de etapa. Mas o que eu tenho de informação é que, uma vez resolvido este problema, imediatamente se começa a construção. Então, eu creio que vontade existe e que os prazos sejam cumpridos.

TE Existe algum ponto negativo com a implantação dessa siderúrgica no Pecém?

RP O estudo de impacto ambiental é muito metucioso. O fato é que não existe nenhuma ação do homem na natureza que não degrade o meio ambiente. O que deve haver são compensações ambientais. Normalmente, siderúrgicas como essas são siderúrgicas limpas, que já têm equipamentos de última geração, que poluem muito pouco. Se você pegar uma empresa, como a termelétrica da MPX, por exemplo, você não vê nenhuma fumaça. Eles põem sensores de ar em todas as áreas para fazer análise de solo e de água, principalmente. Agora, impacto ambiental sempre tem. E a compensação ambiental deve ser feita. Nós devemos ter responsabilidade com o meio ambiente, mas não podemos nos privar de ter um investimento na implantação de indústrias aqui no estado por conta disso. Porque senão vamos viver na pobreza. Temos de aproveitar a nossa capacidade, não somente para o turismo, também temos de produzir.

TE Para a concepção do projeto houve algum modelo baseado em outra siderúrgica ou o projeto é inédito no Brasil?

RP O projeto obedece ao *layout* e aos estudos predeterminados e não tem muito de novo. O que existe é um aparelhamento de alta tecnologia, que dá mais rendimento e uma capacidade de produção maior por um menor espaço de tempo. Mas não tem grandes mistérios.

TE Quais as perspectivas para o futuro?

RP O estado do Ceará passa por um momento ímpar, apesar de não termos aqui uma

para falar sobre os impactos negativos foi suficiente?

GV O único destaque que teve na mídia sobre essa questão da termelétrica, da siderúrgica, essas questões dos empreendimentos do Pecém foi a do movimento indígena que, a princípio, foi negado, muito negado pelo governo do estado que fazia declarações, dizendo que aqui não tem índio, que nunca teve índio, mas depois que houve o reconhecimento da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) e da Funai (Fundação Nacional do Índio). Se você for perguntar a maioria das pessoas, elas vão dizer que é bom porque vai trazer emprego, que o Ceará é um estado pobre e precisa desse dinheiro e as pessoas precisam desse emprego. No geral, as pessoas têm essa opinião. Elas não têm muito acesso às informações e não tem muita divulgação na mídia quanto a isso.

TE Falamos até agora dos impactos negativos. E os positivos? Eles não poderiam compensar os negativos?

GV Um empreendimento desse tipo é relativamente negativo pela própria questão do planeta. Para quem é esse progresso que está vindo? Quem é que vai se beneficiar? Quem é que vai lucrar? São as grandes corporações. O governo se beneficia politicamente. Por isso, o negativo é sempre maior que o positivo. Os impactos, a depredação, a interferência na vida das pessoas que já têm uma vida, que já moram ali, vivendo daquela forma. Altera o modo de vida delas. Por esse lado, os aspectos negativos sempre se sobrepõem aos positivos.

TE Existe algum tipo de compensação ambiental?

GV Existe uma corrente no ambientalismo, que não concordamos: a ecoeficiência. É achar que a tecnologia por si mesma vai dar conta de resolver todos os problemas decorrentes dos malefícios que a poluição ou outro tipo de degradação possam trazer. É muito claro para nós que a natureza está sendo agredida de diversas formas e ela está reagindo. Um exemplo é a questão das mudanças climáticas, das mudanças na dinâmica planetária. São muitos exemplos, muitas evidências de que a questão da tecnologia não dá conta de resolver tudo o que afeta o planeta e a vida das pessoas. As medidas que a gente considera mitigadoras a princípio seriam não ter esses

infraestrutura básica, temos problemas bem graves, por exemplo, as estradas e a mobilidade. Há duas vertentes. Uma onde os investimentos estão vindo para o estado e, ao mesmo tempo, existe uma grande necessidade de investimento em infraestrutura. O grande apelo do industrial é que o governo faça um esforço em concluir obras estruturantes. É preciso que haja uma contrapartida dos governos do estado e federal; investimentos maciços em obras estruturantes, principalmente, em rodovias e em vias de acesso, porque nós corremos o risco de criar muitos gargalos. Temos um complexo portuário enorme e um fluxo que não tem por onde escoar. Sabe-se que há muitos projetos, mas o que eu queria era vê-los começando para poder vislumbrar daqui a alguns anos situações de gargalo.

TE Você acredita que o Ceará vai se



O fato é que não existe nenhuma ação do homem na natureza que não degrade o meio ambiente.

consolidar como um ponto de referência com a construção da siderúrgica?

RP Com certeza. Você vê que o estado de Pernambuco está montando uma siderúrgica lá, mas é uma siderúrgica pequena, não se compara com o projeto daqui. O projeto daqui é um projeto grande, enorme. Então, com certeza somos expoentes. No momento em que se instalar um projeto desse aqui, o impacto no Produto Interno Bruto (PIB) é imediato. O PIB aumenta 50%. São US\$ 4 bilhões investidos numa primeira etapa. O que vai render ano após ano é muito grande. Com certeza o movimento no Porto do Pecém vai ser grande. Imagina a chegada de carvão e saída de placas. Isso vai dobrar. É tanto que o porto passa por uma ampliação.



empreendimentos, mas se vai ter, deve partir de baixo pra cima. Porque de cima pra baixo vai ter aquela coisa pra inglês ver, aquilo que é obrigatório, que você já tinha que ter feito isso, então, vamos fazer. Mas, tratando do Brasil, que é um país que não se respeita as leis, as legislações, mesmo que existam, não são cumpridas; não nos deixa muito esperançoso.

TE Mas a siderúrgica é uma realidade. Existem algumas medidas que podem ser tomadas para amenizar esses danos?

GV Essas medidas existem e passam muito pela questão da organização comunitária porque os primeiros a serem atingidos por empreendimentos como esse é a população do entorno que vai conviver mais diretamente



Para quem é esse progresso que está vindo? Quem é que vai se beneficiar? Quem é que vai lucrar?

com essas questões. As medidas que podem ser tomadas não são de cima para baixo. Tem que ser medidas de baixo para cima. É necessário que as próprias comunidades se organizarem para combater qualquer tipo de medida que já chega sem uma discussão de como é que as coisas vão acontecer. As pessoas não têm direito de debater e de contestar, pois já está tudo estabelecido. As medidas passam muito pelas pessoas, pelo inconsciente das pessoas, não só das que moram próximo, mas das pessoas em geral. São medidas mitigadoras, não provenientes dos donos dos empreendimentos, mas da população, das pessoas que vão de certa forma ser afetadas por elas.



O caminho que as frutas fazem para chegarem **à mesa do consumidor**

ROTA 1: Itaueira Agropecuária

Porto do Pecém

Chegando ao Porto, a fruta passa por um processo de inspeção e liberação que dura, em média, dois dias.



Aracati

A fruta sai da fazenda em Aracati e leva um dia para chegar ao Porto do Pecém.

Após isso, o produto sai do Porto e faz um longo caminho até o Porto de Rotterdam (Holanda) totalizando 12 dias.



ROTA 2: Agrícola Famosa

Porto do Pecém

Em épocas do ano em que há grande movimento no Porto, o produto pode levar até quatro dias para ser liberado para embarcação.



Icapuí

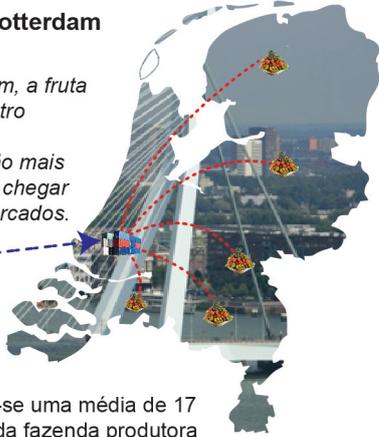
As frutas produzidas na fazenda de Icapuí levam seis horas para chegar ao Porto do Pecém.

Após a liberação, tomando como exemplo a exportação para a Inglaterra, são necessários 11 dias para a fruta chegar aos portos ingleses.



Porto de Rotterdam (Holanda)

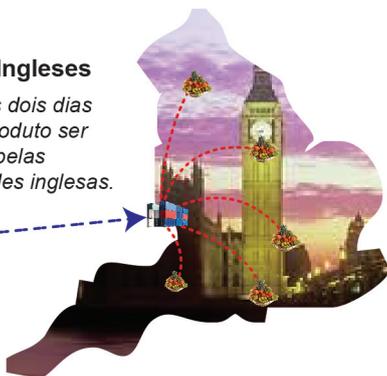
Em Rotterdam, a fruta passa por outro processo de liberação. São mais dois dias até chegar aos supermercados.



Leva-se uma média de 17 dias da fazenda produtora no Ceará até as mesas dos consumidores holandeses.

Portos Ingleses

São mais dois dias para o produto ser liberado pelas autoridades inglesas.



No total, 17 dias da fazenda produtora no Ceará até a mesa do consumidor na Inglaterra.

Itaueira Agropecuária

Mercado

A empresa comercializa os produtos em todo o Brasil e exporta para a Europa e América do Norte.

Produtos

Melão, caju, abacaxi, mamão formosa, além de polpa de caju integral e amêndoa de castanha de caju processada.

Tempo de existência

A empresa foi fundada em 1983, mas existe desde de 1980 quando adquiriu terras no Piauí.



Atualmente, nosso maior desafio é conseguir manter o envio da documentação exigida por certos países, em especial os Estados Unidos, onde temos problema entre o que o Ministério da Agricultura estabelece como texto base do Certificado Fitossanitário e o que os fiscais do Departamento de Agricultura norte-americano no destino alegam ser obrigatório.



Adriana Prado
Marketing e Logística Internacional da Itaueira Agropecuária

Agrícola Famosa

Mercado

O foco da empresa são os mercados britânico, holandês, italiano, português e espanhol. Apesar disso, nos últimos anos, a Agrícola Famosa tem expandido as exportações para Dubai, Singapura, Turquia, Rússia, Lituânia, Estados Unidos e Canadá.

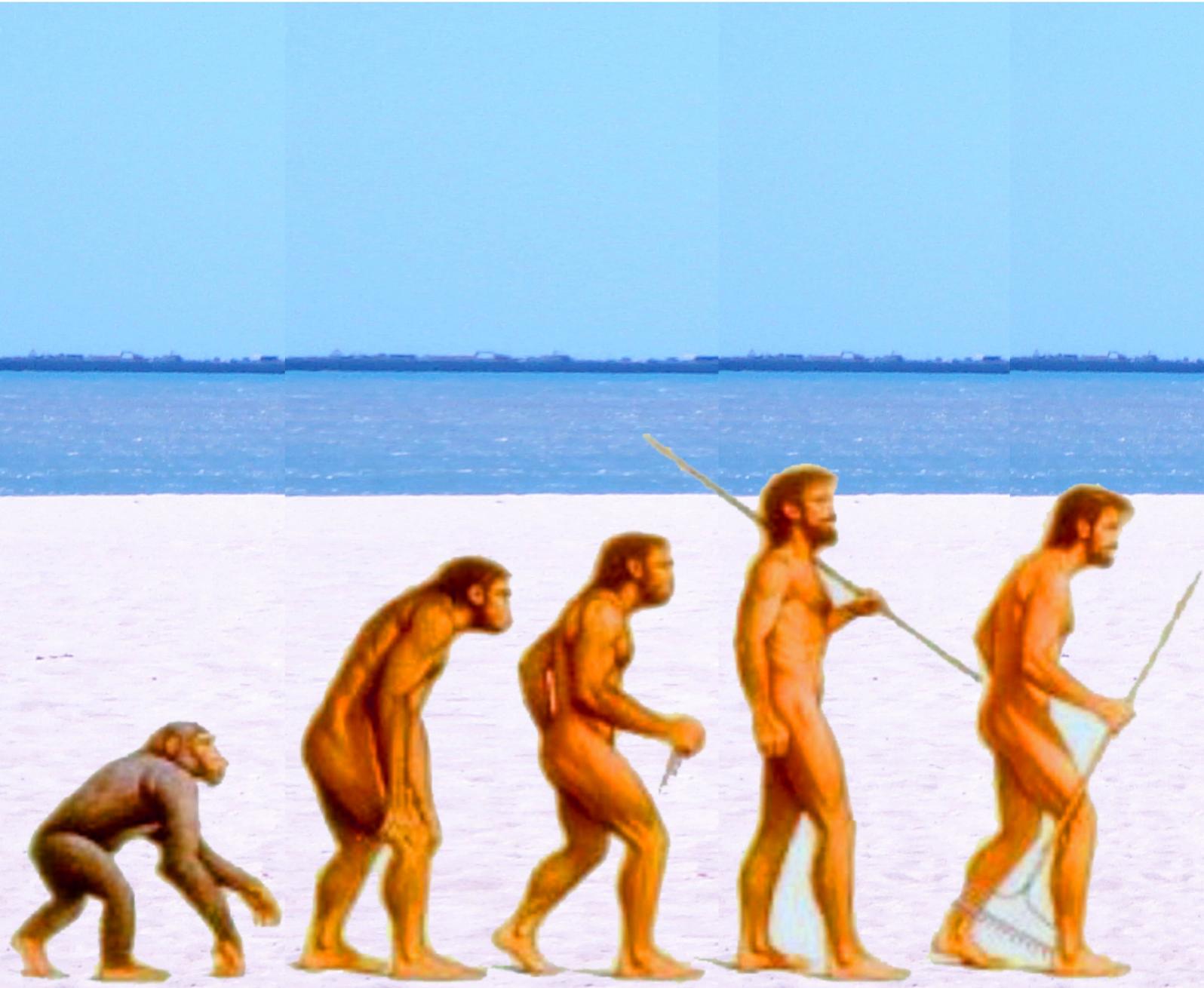
Produtos

Melancia sem semente, melão cantaloupe italiano, melancia com semente, melão cantaloupe americano, melão gália, melão pele-de-sapo, melão amarelo e banana.

Tempo de existência

A empresa foi fundada em 1995.

PUBLICIDADE





Pecém

A evolução dos seus negócios está aqui

Porto do Pecém e os desafios para o desenvolvimento sustentável

Um ditado bastante conhecido diz que nem tudo o que reluz é ouro. A sabedoria popular se aplica em muitos casos como, por exemplo, no dos impactos ambientais que grandes empreendimentos causam nas comunidades a que chegam. As dádivas trazidas pelo desenvolvimento podem ser um “presente de grego” para as pessoas que fazem parte da comunidade local e mais ainda para a natureza.

por HERBÊNIA ALVES



Vila do Pecém (FOTO: HERBÊNIA ALVES)

Falar em progresso e não pensar em modernização, grandes empreendimentos e tecnologia é quase impossível. Isso acontece porque, como toda causa, o progresso também tem suas consequências e as que foram citadas são parte do desenvolvimento. Mas, apenas uma parte visível. A outra, muitas vezes, é percebida somente pela população que vive nas proximidades de onde o tal progresso chega.

É possível ainda que essas mudanças sejam interpretadas como algo bom. Um pescador que vive no Pecém acredita que o fato de os peixes se aproximarem da costa para se alimentar dos restos de comida das embarcações é um fator positivo. “Quando as águas tão limpa por aí, é muito bom de peixe. A corda vai descendo e o peixe vai subindo.”, afirma o pescador de 62 anos, Francisco Moreira.

Com a aproximação dos peixes da costa, a atividade aumentou nas proximidades do Porto. “O pescador saía daqui [Vila do Pecém] e ia pescar numa distância de cem, cento e tantas léguas de mar adentro. Hoje, você não vai mais.”, lembra Francisco Braga Mendes de 84 anos que também é pescador.

Porém, o que parece um benefício pode ser a semente de um problema ecológico grave. Segundo o ambientalista Antônio Eli, a aproximação dos peixes para costa por conta das embarcações é prejudicial ao meio ambiente. Por isso, todo empreendimento ou qualquer atividade que, de alguma forma, interfira no meio ambiente tem, obrigatoriamente, que ter um licenciamento ambiental.

De acordo com o artigo 10 da Lei Federal 6.938/81, a construção, a instalação, a ampliação e o funcionamento de estabelecimentos e atividades que se utilizam de recursos ambientais e podem causar degradação ambiental, vão depender licenciamento prévio. A licença é dada pelo órgão estadual competente, integrante do Sistema Nacional do Meio Ambiente - Sisnama, e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis - Ibama.

Há a necessidade, ainda, de se promover audiências públicas junto às comunidades. No caso do Terminal Portuário do Pecém, essas audiências, que receberam o nome de Grupo de Trabalho Participativo, acontecem desde 1997 e contam com a participação de um

ESTAÇÃO ECOLÓGICA

Instituída através da Lei nº 6.902, de 27 de abril de 1981, no artigo 10, estabelece:

Estações Ecológicas são áreas representativas de ecossistemas brasileiros, destinadas à realização de pesquisas básicas e aplicadas à ecologia, à proteção do ambiente natural e ao desenvolvimento da educação conservacionista.

FONTE: Semace

grupo colegiado composto pelas secretarias estaduais, assembleia legislativa, prefeituras, câmaras municipais e representantes das comunidades de Caucaia e São Gonçalo do Amarante, município onde está situado o Porto.

Os pecadores que participam dos encontros aprovam a iniciativa. “Tem as reuniões, mas eles [os empresários] sempre são legais e, quando tem algum probleminha, eles entram em contato.”, afirma Pedro Braga que é presidente da Associação de Pescadores do Pecém.

Já a pesquisadora do Núcleo Tramas (Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade), do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da

O QUE É EIA/RIMA?

Estudo Prévio de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) são instrumentos da política Nacional do Meio Ambiente necessários para o licenciamento ambiental de atividades que se utilizam de Recursos Ambientais consideradas de significativo potencial de degradação ou poluição, para a construção, instalação, ampliação ou alteração e operação de empreendimentos. O EIA/RIMA deverá ser apresentado de acordo com o Termo de Referência, que constitui um documento de orientação quanto aos procedimentos a serem seguidos na elaboração do EIA/RIMA, previamente acordado entre a Fepam (Fundação Estadual de Proteção Ambiental) e a equipe contratada pelo empreendedor para a elaboração do documento.

Fonte: Semace



UFC, Graça Vianna, afirma que é necessária mais organização da comunidade para combater medidas abusivas dos empresários.

“Geralmente, os empreendimentos fazem o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) [veja box] e discutem com a comunidade. As pessoas das comunidades vão participar para ver como é, mas quando vão para essas audiências públicas já está tudo definido, já está tudo resolvido. Já está tudo pronto. A participação é formal, só para dizer que acontece porque ela é um item obrigatório.”, afirma Vianna.

Isso acontece porque, para os pescadores, os problemas que o empreendimento traz para a comunidade são poucos se comparados com os benefícios. Para eles, a chegada do Porto ao Pecém só trouxe benefícios. “Depois que fizeram o Porto do Pecém a vida mudou cem por cento.”, afirma Francisco Braga Mendes. A opinião do pescador não é isolada. Outros pescadores, como Francisco Moreira, também concordam que o empreendimento é muito bom para o lugar. “Com o Porto só veio melhora pra a gente.”, declara Francisco.

Embora, os pescadores ou os habitantes da Vila não percebam, há muitos problemas decorrentes do Porto. Um exemplo disso é a poluição nas áreas portuárias causadas, até mesmo, pelo embarque e desembarque de produtos. Isso sem contar os acidentes ocasionais que acabam lançando, no meio ambiente, produtos que atingem não só os peixes, mas também, outras espécies marinhas. “Muda, e muito, o equilíbrio marinho.”, afirma Eli.

“O fato de os peixes passarem a se alimentar com restos de comida das embarcações pode alterar a o modo como vivem e a dinâmica do ecossistema onde estão inseridos. O que hoje pode representar uma facilidade para os pescadores pode resultar em dificuldades futuras com o desequilíbrio causado nas populações de peixes.”, continua o ambientalista. Além disso, os alimentos oriundo dos navios podem causar doenças ou contaminar os peixes.

É possível aliar tecnologia e sustentabilidade?

Praia do Pecém com vista para o píer (FOTO: HUGO RENAN DO NASCIMENTO)



Na tentativa de atenuar os possíveis problemas causados ao meio ambiente, foi implantada no Pecém uma Estação Ecológica

ATIVIDADES SUJEITAS A LICENCIAMENTO COM APRESENTAÇÃO DE EIA/RIMA

Dependem de elaboração de EIA/RIMA o licenciamento de atividades modificadoras do meio ambiente, como estradas de rodagem com duas ou mais faixas de rolamento; ferrovias; portos e terminais de minério, petróleo e produtos químicos; aeroportos; oleodutos, gasodutos, minerodutos, troncos coletores e emissários de esgotos sanitários; linhas de transmissão de energia elétrica, acima de 230 KW; obras hidráulicas para exploração de recursos hídricos; extração de combustível fóssil (petróleo, xisto, carvão); extração de minério; aterros sanitários, processamento e destino final de resíduos tóxicos ou perigosos; usinas de geração de eletricidade.

Fonte: Semace

de responsabilidade da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace). A função dessa estação é proteger a fauna e a flora locais com uma compensação aos impactos causados pelas obras do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp).

Mas, para Graça Vianna, a compensação ambiental não é suficiente e não é possível dar conta de todos os problemas que são frutos da poluição e de outros tipos de degradação através da tecnologia. Isso porque, segundo o princípio da ecoeficiência, é possível produzir mais, utilizando menos recursos naturais e energia no processo produtivo. Assim, acredita-se que se consegue reduzir o desperdício e os custos de produção e operação.

Não há dúvidas de que o Cipp melhorou em alguns aspectos a vida da comunidade local. Mas, é necessário ainda que sejam pensadas em mais políticas públicas que tenham como objetivo diminuir os efeitos negativos dos impactos gerados pelo empreendimento, mas também possam aumentar os impactos positivos das mudanças trazidas pelo Cipp.

Contradições do progresso

Progresso é uma palavra que acompanha a ideia de que todas as consequências advindas do desenvolvimento são boas e trazem apenas benefícios. Mas se for feita uma análise detalhada, talvez nem tudo o que acompanhe o tal progresso é maravilhoso. Assim, como uma moeda, é sempre interessante olhar o outro lado

por HERBÊNIA ALVES

A photograph of a red boat on a sandy beach. The boat is in the foreground, and the ocean is in the background. The sky is blue. The boat has a white stripe along its side and a blue structure on top. The sand is light-colored and textured. The ocean is a deep blue with some whitecaps. The sky is a clear, light blue. The overall scene is bright and sunny.

Chegar à Vila do Pecém é conhecer um lugar que, mesmo pequeno, reserva muitas peculiaridades. Distrito de São Gonçalo do Amarante, o Pecém foi criado em 4 de dezembro de 1933, através do Decreto nº 1.156. A vila, no entanto, passou a ser conhecida, no mundo inteiro, a partir de março de 1995. Nesse ano, o então governador do estado do Ceará, Tasso Jereissati, em parceria com o presidente da República na época, Fernando Henrique Cardoso, iniciaram, através do Grupamento de Navios Hidroceanográficos da Marinha do Brasil, os estudos para um novo empreendimento. Era o início do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp) que surgiu com a finalidade de ser agregado ao parque industrial do Ceará, além de servir como amparo ao desenvolvimento econômico da região. O empreendimento ainda possui uma infraestrutura pequena se comparado a outros portos do Brasil e do mundo. Mas, mesmo assim, é considerado pelas estatísticas como escoador importante de mercadorias consumidas pelo mundo. Os produtos vão desde as frutas produzidas no Vale do Jaguaribe, serras e litoral, a produtos regionais como o couro.

À medida em que o projeto foi se consolidando, empresas e pessoas interessadas no potencial da economia cearense foram sendo atraídas para o local. Desde a construção do Porto, muitos



FOTO: HUGO RENAN DO NASCIMENTO

outros empreendimentos já demonstraram interesse na região e, inclusive, já se instalaram por lá. O Porto do Pecém é ponto de atração de todas as indústrias ali instaladas. É uma via de mão-dupla na qual um equipamento necessita do outro.

Um exemplo é a instalação de três termoeletricas, além de projetos de instalação de uma siderúrgica e uma refinaria da Petrobras. Há ainda empreendimentos de menor porte, que fazem parte da área industrial do complexo e também empresas que são complementares ao Porto. Elas são responsáveis pela manutenção e monitoramento de equipamentos, operação de exportação de grãos, recepção, armazenagem e exportação de minério e prestadoras de serviços acessórios portuários.

Como tudo começou...

A vila possui uma história própria que se distingue das demais pela chegada do Porto. A população teve de se adaptar à novidade. Para se ter uma ideia a quantidade média de caminhões e contêineres que, por mês, passam pelo local é de 16 mil veículos. Uma quantidade considerável para qualquer cidade e mais ainda para um local pacato e que se sustentava basicamente, através do comércio pesqueiro.

A movimentação no lugar também se intensificou. Há, constantemente, pessoas trabalhando dentro e fora do porto. O trabalho não pode parar. Somente este empreendimento gera uma média de 800 empregos diretos. Afinal, atualmente, o Porto do Pecém é um dos mais importantes do Nordeste por conta de sua infraestrutura e do escoamento de produtos que é bastante eficiente. Cerca de 30% dos produtos exportados do Brasil saem através do Pecém.

Quando se fala com a população sobre as mudanças que o projeto trouxe para a cidade, as opiniões se dividem. O pescador Francisco Braga Mendes, mais conhecido como Seu Assis, por exemplo, tem mais de 80 anos e trabalha como pescador desde os dez. Para ele, o porto mudou completamente sua vida. “Depois que fizeram o Porto do Pecém, a vida mudou 100%. Porque, logo aqui, num tinha quem tivesse emprego. Era só a vida da pesca.”, conta.

Seu Assis fala ainda que a cidade melhorou bastante com a chegada do porto e que até o comércio está mais movimentado. Hoje, ele considera a pesca uma profissão arriscada, por isso não concorda que os filhos ou netos vivam da mesma profissão que ele. “Tinha dias que a gente não trazia nada para comer e ia pedir farinha na casa dos outros para comer”, relembra.

Evaldo Viana trabalha em um restaurante local como garçom e, para ele, a vida na Vila era bem melhor antes da chegada do porto. “Não tinha negócio de perigo. O pessoal dormia de porta aberta. Você ia pra onde queria... Era mais

livre, não tinha negócio de muita droga, muita gente de fora... muito roubo. Hoje em dia está tendo muito roubo.”, avalia.

As “pessoas de fora”, as quais os moradores da Vila se referem, não são turistas. São trabalhadores do porto que saem de sua cidade natal em busca de uma oportunidade em uma das indústrias do local. Segundo o garçom Evaldo, não há mais turistas visitando a cidade. Maria da Conceição sempre morou no Pecém e acompanhou as mudanças na cidade. “As pessoas mais de idade não tem mais vontade de caminhar na praia. Eles têm medo, pois, de repente, ele é assaltado por um cara que tava drogado à noite”, diz.

O porto e a vila

O crescimento rápido do porto trouxe vantagens como, por exemplo, empregos para alguns moradores da região. Mesmo assim, as pessoas que vivem por lá, reclamam que não houve oportunidade suficiente. Aline de Freitas está trabalhando como caixa de supermercado. Ela conta que tentou trabalhar no empreendimento diversas vezes, mas nunca foi chamada.

Já Evaldo conta que não foi trabalhar no empreendimento por falta de vontade mesmo. “Meu ramo toda vida foi comércio.”. Ele diz ainda que conhece muitas pessoas que estão trabalhando lá e que a vida dos amigos mudou bastante. “Tudo tem casa e carro.”, comenta.

Seu Aldenor Miranda, que também é pescador, afirma que o porto trouxe um grande benefício para a vila. “Antes, o progresso daqui era a pescaria ou a agricultura. Hoje, a gente tem vários tipos de emprego, muita empresa. E o povo tão trabalhando aqui porque a fonte de emprego aqui é muito grande.”. Ele atribui ainda a diminuição de pessoas interessadas na pesca ao desenvolvimento trazido pelo porto, mas acha que isso é bom. “A gente que tem filhos e netos não quer mais que eles sejam pescador por que exatamente eles têm outras funções de trabalho.”, diz.

Os moradores que não conseguiram emprego no porto comentam que faltam cursos para qualificar a população e que a maioria das pessoas que são absorvidas para trabalhar no empreendimento vêm de fora. “Aqui, no Pecém, não tem pessoa qualificada, com curso. Os que entram daqui, só entram de ajudante. Lá dentro é que eles vão crescer. Quando alguém conhece uma boa amizade lá, boa ‘peixada’, aí a pessoa ensina e ele vai crescendo.” comenta Evaldo. Ele diz ainda que as empresas promovem muitos cursos, mas os habitantes do Pecém são “descansados. O pessoal é acomodado!”, diz.

Enquanto isso, serviços de bares, restaurantes e mercadinhos vão absorvendo a mão de obra que resta das pessoas que não

são selecionadas para trabalhar no Porto e que decidem continuar na cidade.

Afinal, o que veio com o “progresso”?

Há, no entanto, um ponto em que a opinião de todos os habitantes da vila é a mesma: com o Porto, também vieram as drogas. Para uns, elas são apenas consequência do progresso que chegou ao Pecém. O pescador Aldenor diz que “o número de droga chegou mais por que a quantidade de gente também é bem maior de que a que a gente tinha antes. Hoje, tem gente de todos os estados do Brasil. Então, com isso, acompanha esses vários tipos de coisas [drogas].”.

Evaldo diz que o número de pessoas que consomem drogas está grande e a “cada dia que passa, está aumentando mais”. Ele reclama ainda que o policiamento é fraco e que os policiais se preocupam apenas em “abaixar som de carro”. O pescador Assis concorda. “O policiamento está muito fraco. Tem essa ronda [Ronda do Quarteirão], mas num vale nada!”, reclama.

Daniel Marques é gerente de um supermercado no Pecém e diz que o local está perigoso. Ele se sentiu obrigado a reforçar a segurança, pois o local já não é mais seguro como antes. Colocou câmeras no mercadinho e, da última que foi assaltado, os ladrões prenderam os funcionários no banheiro. O desejo de expandir o comércio está apenas na ideia, o medo por conta da violência e a “boca de fumo” ao lado do mercadinho estão obrigando-o a adiar os planos.

A segurança, na opinião de seu Aldenor, é o único problema na Vila. “Com o progresso, com a quantidade de gente que chegou, o Pecém apenas cresceu muito, muito, muito... E tudo isso gera a falta de segurança.”.

Outro problema que os habitantes da cidade percebem é a prostituição. Desde cedo, as meninas começam a se prostituir. Evaldo conta que conhece muitas mulheres que vivem da prostituição. “Uma meninazinha aqui do Pecém se perdeu com 12 anos de idade. Hoje em dia, tá aí. Fica com os homens por 20 ou 30 reais.”.

Para ele, o problema é maior por causa das drogas. “Tem umas [mulheres] que ficam com os homens para comprar droga. Elas ficam com os homens, porque eles vendem e elas aproveitam para consumir. Tem muitas assim. É tudo por causa do pó... da pedra. Às vezes, é mesclado, que é a pedra misturada com a maconha.”, relata.

Conceição diz que tem só um filho, mas se tivesse uma menina ia ficar muito preocupada, pois, hoje, com a mentalidade das meninas do local ela ia se “perder” cedo. Ela teme que o filho se envolva com drogas. “Tenho muito medo.”, revela.

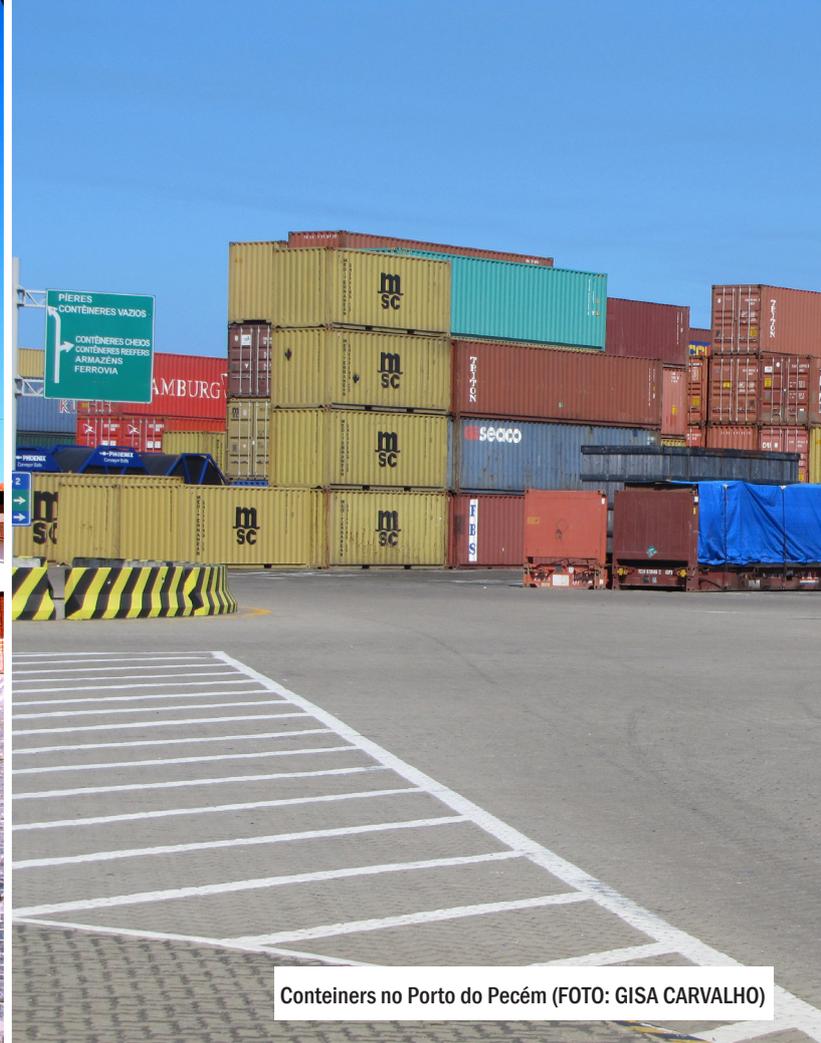
A chegada do Porto ao Pecém representa um futuro que caminha em direção ao desenvolvimento. Um desenvolvimento socioeconômico que amplia oportunidades para a região e todo o seu entorno. É necessário, no entanto, que sejam gerados números positivos para as empresas, mas é igualmente imprescindível que haja um desenvolvimento comprometido com causas sociais. **T**



Destaque para os serviços bancários ofertados numa mesma rua do Pecém (FOTO: HERBÊNIA ALVES)



Capela São Luiz de Gonzaga construída em 1924 (FOTO: HERBÊNIA ALVES)



Containers no Porto do Pecém (FOTO: GISA CARVALHO)



Caminhões na fila de espera para entrar no porto. Em algumas épocas do ano, há engarrafamentos por conta da demanda (FOTO: GISA CARVALHO)

Pecém, da terra e do mar as novidades foram chegando

Socorro Rodrigues

Historiadora, autora do livro *Pecém: uma trajetória portuária* (Sebrae/CE, 2007), sobre a implantação do Terminal Portuário do Pecém

O distrito do Pecém foi criado pelo Decreto nº 1156 em 4 de dezembro de 1933, período em que denominou-se de Vila. O nome foi dado pelos índios Anacés, povos litorâneos que habitavam a região nos tempos da colonização. No idioma desses nativos, Pecém significa “praias cortadas por córregos”. O distrito caracterizou-se por sua vocação para a pesca, a qual foi responsável por muito tempo pela base econômica local. Dessa forma seus moradores caracterizavam principalmente por pescadores que habitavam em residências singelas próximas à costa.

Povo de tradição cultural peculiar, suas manifestações sempre foram vivenciadas por seus moradores. As brincadeiras (dramas, festas, histórias de trancoso, festejos juninos, carnaval) e as festas religiosas (procissões de São Pedro e São Luiz de Gonzaga) marcaram os traços culturais dos moradores que tiveram contato com as transformações da modernidade ao passo que o acesso àquele distrito foi se dando, de acordo com os grandes acontecimentos do país e do estado do Ceará.

Dessa forma, a partir das transformações sofridas na sede do município, São Gonçalo do Amarante, e na cidade de Fortaleza, a comunidade recebe, já nos anos 1950, a construção das edificações dos primeiros veranistas. A praia do Pecém passa a ser o paraíso daqueles que buscavam o lugar para o descanso. Daí em diante, a pequena vila de pescadores ganhou características de cidade veranista o que resultou nas transformações socioespaciais do local, influenciando também no comportamento dos nativos, haja a vista o acesso aos meios de comunicação e o contato com pessoas de outros lugares.

Em 1996, teve início a construção do Terminal Portuário do Pecém, parte integrante de um projeto de grande porte para a economia cearense: o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp). Com área de 335km² entre os municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante é uma iniciativa do Governo do Estado com o Governo Federal. Concluído em 2002, o Terminal Portuário passou a ser o quarto no país em movimentação de produtos gerais e dotado de uma vasta tecnologia marítima.

Tal equipamento muito influenciou na dinâmica econômica das regiões em seu entorno. O emprego da mão de obra de parte dos moradores foi predominante na mudança da qualidade de vida da população

local. Especialmente para aqueles que compunham o quadro de funcionários das empresas responsáveis pela obra, surgiram possibilidades de mudanças no poder aquisitivo. A partir daí, percebeu-se uma significativa mudança na comunidade: novas casas foram construídas, houve um aumento de estabelecimentos comerciais (pousadas, restaurantes, mercadinhos, drogarias etc.) e, como parte daquele projeto, o Distrito contou com obras de saneamento básico, ampliação das escolas e dos postos de saúde, ampliação da telefonia fixa e móvel, pavimentação das principais ruas.

Tais mudanças proporcionaram a entrada de novos moradores oriundos de Fortaleza e de outros estados o que causou alguns impactos quanto à mudança de sua paisagem pela forte movimentação de pessoas e veículos de pequeno e médio portes e da sonoridade dos bares e clubes. A cidade passou a seguir o tempo do porto, considerando que muitos dos moradores encontraram ali novas perspectivas além do constante contato com equipamentos modernos que atuam num ritmo frenético das embarcações com entrada e saída de mercadorias para o Brasil e o mundo.

O velho e o novo, a tradição e a modernidade passaram a ocupar o mesmo espaço e a população teve que se adaptar às constantes mudanças do local e entender a dinâmica de um novo tempo, em virtude da implantação do terminal portuário. As principais tradições (festejos religiosos) foram mantidas como um esforço coletivo de não apagar da história os valores construídos de geração em geração. Por outro lado, a chegada de tal equipamento promoveu grande migração de pessoas e daí alguns problemas de ordem social tornaram-se mais evidentes e passaram a ser o grande desafio para o poder público e a comunidade local.

Apesar dos trabalhos realizados pelo governo como forma de minimizar os impactos, a comunidade do Pecém passou em um curto período de tempo a conviver com constantes transformações, sejam no espaço físico (construção de novos prédios, criação de calçadão na praia, loteamentos próximo às dunas) ou no campo cultural influenciando a construção de uma nova identidade assumida, a partir da chegada do seu grandioso porto. O contato com terminal portuário e suas características, ora sugere à população oportunidades de mudanças econômicas, ora de exclusão pela própria natureza da lógica capitalista.

O Cipp em números

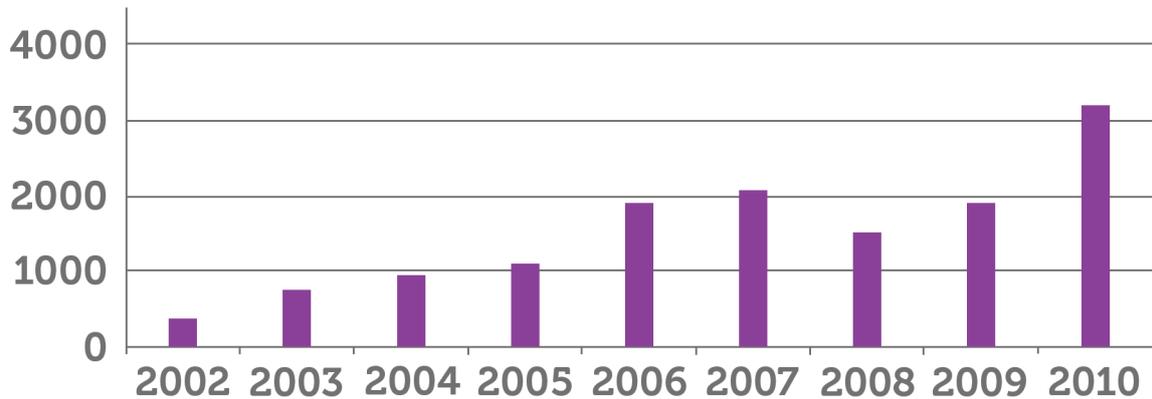


Infraestrutura do Complexo Industrial e Portuário do Pecém

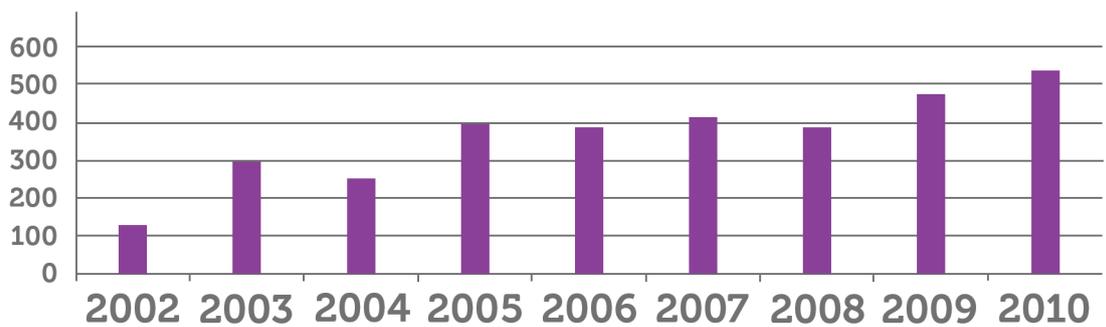
- Rodovia CE-442: 20 Km
- Ramal ferroviário: 22 Km
- Gasoduto Guamaré-Pecém: 383 Km
- Subestação da Chesf: 220 MVA
- Terminal intermodal: 352 hectares
- Tubovia: 9 Km
- Sistema adutor de água: 23 Km
- Usinas termoeletricas: 510 MW
- Terminal portuário off-shore

FONTE: Governo do Ceará

Movimentação anual de mercadorias no Porto do Pecém (em mil toneladas)



Movimentação anual de mercadorias no Porto do Pecém (número de navios)



Fonte: Cearáportos

EMPRESAS EM PROCESSO DE INSTALAÇÃO NO CIPP

NOME	SEGMENTO DE MERCADO	INVESTIMENTO (R\$)	EMPREGOS DIRETOS
CSP	USINA SIDERÚRGICA	13 BILHÕES	5,5 MIL
ENERGIA PECÉM	TERMOELÉTRICA	4 BILHÕES	360
TRANSNORDESTINA LOGÍSTICA	OPERAÇÃO DE EXPORTAÇÃO DE GRÃOS	200 MILHÕES	50
PETROBRAS	REFINARIA	19 BILHÕES	8 MIL
GLOBEST	RECEPÇÃO, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE MINÉRIO	108 MILHÕES	450
JOSÉ DE ALENCAR	TERMOELÉTRICA	300 MILHÕES	100
TOTAL		36,608 BILHÕES	14.460

Fonte: Adece

Centro de Treinamento capacitará **12 mil** pessoas por ano

Com investimentos na ordem de R\$ 28 milhões, o centro deve ser inaugurado no primeiro trimestre de 2012. A ideia do CTTC partiu da necessidade de ter no estado gente preparada para trabalhar em setores estratégicos da economia cearense

Capacitar mão de obra básica para projetos estruturantes, como refinaria, siderurgia, termelétricas e construção civil. Este é o principal objetivo do Centro de Treinamento Técnico do Ceará (CTTC) a ser implantado, neste ano, no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp), pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará. A expectativa é preparar 12 mil pessoas por ano.

A ideia do CTTC partiu da necessidade de ter, no Estado, gente preparada para trabalhar em setores estratégicos da economia cearense, principalmente, com o advento de projetos nas áreas de energia e petroquímica. Com o centro, o governo quer evitar a importação desse tipo de mão de obra.

A iniciativa estadual é coordenada pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará (Secitece). “O CTTC será um centro de Excelência, irradiador do conhecimento, voltado para a capacitação tecnológica da população, observando, sobretudo, a vocação da região.”, explica o secretário da Secitece, René Barreira.

Serão investidos cerca de R\$ 28 milhões com obras e equipamentos para funcionamento do Centro. Do montante, R\$ 14,7 milhões são oriundos de emendas parlamentares do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O restante do investimento é de responsabilidade do Governo do Estado.

Segundo a Secitece, houve incremento de quase R\$ 3 milhões no investimento para a construção da obra, que agora somam R\$ 16,6 milhões. Estão sendo investidos ainda mais R\$ 11,7 milhões para a compra de equipamentos.

O centro terá área de 9,1 mil metros quadrados e área projetada total de 16 mil metros quadrados. Isso vai contemplar áreas administrativas e de ensino, cozinha semi-industrial, três laboratórios (Petroquímica,

Eletromecânica, Construção Civil) e um auditório com capacidade para 275 pessoas.

As obras já estão em andamento e a expectativa da secretaria é inaugurar o equipamento no primeiro trimestre de 2012. Apesar dos projetos do governo, a Petrobras já informou que vai importar serviços ainda não disponíveis no Ceará, como maquinário e mão de obra, para a construção da Refinaria Premium II. A estatal pretende cooperar na capacitação tecnológica de empresas e pessoal.

ÁREAS DE CAPACITAÇÃO

CONSTRUÇÃO CIVIL/ELETROMECAÂNICA	PETROQUÍMICA
Ajudante da construção civil, artífice da construção civil, bombeiro hidráulico, eletricista predial, carpinteiro de formas.	Qualificação em SMS (Segurança, Meio Ambiente e Saúde), geopolítica do petróleo, reologia e viscosimetria.
Armador ferreiro, recursos ambientais, tubulações industriais, eletricista industrial, soldagem, processos de usinagem, ajustador mecânico, torneiro.	Cromatografia gasosa, análises de certificação e qualificação de petróleo e derivados.
Metrologia dimensional, controle de qualidade em processos de fabricação, leitura e interpretação de desenhos técnicos e mecânicos.	Normas de certificação - ISO 17025, boas práticas de laboratório, noções de processamento de petróleo.

Imobiliárias invadem o Pecém e preços do metro quadrado disparam na região

Venda, aluguel e compra de imóveis na região do Pecém têm aumentado nos últimos anos. Principal causa é a demanda por moradias

por HUGO RENAN DO NASCIMENTO

A oferta de serviços no Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante, na região Metropolitana de Fortaleza, tem aumentado bastante nos últimos tempos devido à construção do porto nas imediações da vila. Por lá, encontram-se diversos estabelecimentos de todos os tipos, como supermercados, *lan houses*, restaurantes, bares, bancos e agências de viagem.

Um dos serviços mais procurados é venda e aluguel de imóveis. Tudo por causa da busca por moradias em torno do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp) e também da implantação de empreendimentos tanto residenciais quanto empresariais na região.

Esses fatores atraem pessoas interessadas em investir. Esses investimentos tanto são imobiliários quanto em outras áreas, como indústrias e estabelecimentos comerciais. É um círculo virtuoso. As empresas se instalam, geram mão de obra local e de outros lugares do país e a demanda por moradia cresce.

É comum andar pelas ruas do Pecém e se deparar com a quantidade de placas que remetem ao aluguel ou venda de casas, apartamentos e terrenos. Muita gente do Pecém tem vendido as casas próprias para conseguir um dinheiro extra. Alugar também é uma saída. Por temporada ou mesmo por um final de semana ou feriado.

Zilmar de Sousa é uma dessas pessoas que ingressou no ramo de venda de imóveis. Ela é proprietária de algumas casas no Pecém e tem feito negócios neste setor.

Segundo ela, os preços dos imóveis variam de acordo com a localização. Casas com dois

quartos custam de R\$ 55 mil a R\$ 100 mil. As casas mais baratas estão situadas em terrenos afastados do Centro. O imóvel mais caro da lista fica perto da praça da cidade, a alguns metros da praia.

Outro tipo de negócio em crescimento é a venda de terrenos ou lotes, através de imobiliárias. É o caso da Fortcasa Imobiliária. A empresa investiu cerca de R\$ 2,5 milhões até hoje e pretende injetar mais R\$ 4 milhões nos próximos anos na região do Pecém.

O empreendimento mais importante da imobiliária é o Porto Pecém. Situado a 1,5 quilômetros do porto, o loteamento tem valor geral de vendas em torno de R\$ 40 milhões. Segundo o diretor comercial da Fortcasa, Hugo Botelho, o Porto Pecém surgiu da necessidade de se estabelecer lugares para moradias no Pecém. Botelho destaca o crescimento econômico acelerado da região, o que fez a imobiliária investir pesado neste tipo de negócio.

O Porto Pecém fica bem na entrada da vila do Pecém. Atualmente, a empresa já vendeu cerca de 60% dos lotes, tanto residenciais

Um dos serviços mais procurados é venda e aluguel de imóveis. Tudo por causa da busca por moradias em torno do Complexo Industrial e Portuário do Pecém



Planta do loteamento Porto Pecém (FOTO: HERBÊNIA ALVES)

quanto comerciais. O perfil dos consumidores varia, de acordo com Botelho. Há aqueles que já estão trabalhando nos empreendimentos do Cipp, com uma média salarial de até três salários mínimos. Outros que ainda vão se estabelecer na região e que vão ganhar até cinco salários mínimos. Há ainda os investidores, pessoas da classe média e alta (especuladores) com renda a partir de cinco salários.

Botelho afirma que alguns compradores vão utilizar os lotes para instalação de empreendimentos. Ele diz que tem clientes que vão construir hotel, restaurantes, galpões. Há ainda aqueles que compram lotes, constroem casas e as vendem financiadas pela Caixa Econômica Federal.

A Fortcasa, também, está de olho em outros terrenos no Pecém. Botelho não dá detalhes, mas garante que a empresa pensa em investir mais neste negócio. Ele diz que a demanda cresce a cada dia e que daqui a alguns anos a população no município de São Gonçalo vai dobrar. As estimativas do governo apontam para este rumo. Trabalhadores e suas famílias vão migrar para a região e com isso as vendas de imóveis vão disparar, segundo o diretor comercial.

O corretor de vendas da Fortcasa, Edson Freitas, afirma que as vendas de lotes no Porto Pecém não param nem no final de semana. Há corretores a semana toda para atender à demanda. Segundo ele, o metro quadrado do terreno custa em torno de R\$ 180.

O servidor público, Luiz Célio, diz que tem chegado muita gente de outras regiões ao Pecém para comprar imóveis. A maioria, de acordo com o servidor, compra ou aluga locais para instalação de escritórios. Pela cidade é fácil encontrar escritórios de todos os tipos de serviços. Luiz afirma que algumas empresas com filial no Complexo escolhem o Pecém para montar escritórios.

Impactos

O impacto das obras dos empreendimentos imobiliários não é somente socioeconômico, mas também ambiental. Segundo a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), todos os loteamentos necessitam de licenças ambientais para intervir em qualquer área. Licenças prévias, de instalação e de operação são as mais requisitadas pelas empresas que ali desejam executar alguma obra imobiliária.

Pesquisa

Recente estudo elaborado pela empresa de pesquisa de marketing, Cenários, aponta que o Porto do Pecém leva desenvolvimento para a região do litoral oeste do Ceará, principalmente, à praia do Cumbuco, no município de Caucaia.

A pesquisa também diz que o porto promove migração de pessoas vindas de outros estados e países para a vila, o que afetaria

**Todos os loteamentos
necessitam de licenças
ambientais para intervir em
qualquer área**

positivamente na qualidade dos serviços, com foco no mercado imobiliário. Consta ainda no estudo que haverá relativa valorização no preço dos terrenos naquela região.

Uma das preocupações, segundo aponta as pessoas entrevistadas, é a industrialização da área, que a tornaria mais violenta em alguns pontos.

No estudo, feito com 24 mil pessoas residentes em Fortaleza, mostra ainda que 4% dos entrevistados gostariam de comprar algum imóvel no Pecém e 27% acreditam que o Cumbuco vai se valorizar devido ao porto.

A pesquisa foi realizada entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011 com o objetivo de identificar a demanda para empreendimento imobiliário residencial direcionado para o segmento de classe média-alta, localizado na praia do Cumbuco.

T



Obras no loteamento seguem em ritmo acelerado devido às vendas (FOTOS: HERBÊNIA ALVES)

A questão da desigualdade

Por Hugo Renan do Nascimento*

Erradicar a pobreza extrema no Brasil talvez seja uma das fases para que cheguemos um dia a erradicar de vez ou quase que completamente as desigualdades sociais deste país. É seguramente a missão mais justa e nobre que se pode realizar.

Tirar gente da pobreza extrema é um dos objetivos do governo da presidenta Dilma Rousseff. Somente no Ceará, carecem desta ação mais de 1,5 milhão de pessoas que vivem com R\$ 70 por mês.

A Coluna conversou com o professor da Universidade Federal do Ceará, Jawdat Abu-El-Haj, e, segundo ele, até o próximo ano, a pobreza extrema vai desaparecer. E, com esta medida, os acessos a bens, à informação, ao crédito estariam garantidos.

O professor reitera, no entanto, que o grande problema do Brasil é a desigualdade. Jawdat diz que não existem ainda medidas para amenizar a grande ferida da injustiça socioeconômica. E fala que isso é falta de vontade, seja ela política e/ou cultural.

Jawdat é categórico ao afirmar que o brasileiro de uma forma geral não aceita a ascensão das pessoas. A classe C está invadindo o mundo da elite nos *shoppings centers*, nos aviões, nas concessionárias de carros e nos imóveis. Ele fala que o discurso da igualdade é positivo, mas a prática deste discurso é diferente.

É compreensível encontrar barreiras estruturais na longa jornada de solução de problemas que este país enfrenta, mas obstáculos desta natureza são, no mínimo, intoleráveis. Infelizmente, é uma questão cultural que será mudada à medida que novos conceitos e pensamentos forem absorvidos pela sociedade. O pobre não deve ser mais tratado desigualmente pelo governo. Isso vai criar condições para estabelecer padrões de igualdade na sociedade.

Apesar desses desafios, o Plano Brasil Sem Miséria, lançado pelo Governo Federal, vai atuar no meio urbano e rural e em três eixos principais: garantia de renda, inclusão produtiva e acesso aos serviços públicos. O plano ainda vai garantir maior acesso da população mais pobre à água, luz, saúde, educação e moradia.

Telecomunicações: gargalos para o desenvolvimento

Apesar de as telecomunicações serem um dos setores mais estratégicos em um país, no Brasil, é certamente um setor que carece de muitas mudanças. O professor Jawdat, pesquisador da área, diz que o problema que o país enfrenta não é muito diferente dos dilemas europeus e americanos. Entretanto, o nosso encaixe faz parte de uma política pouco clara sobre o sistema.

O Brasil, entrando na “onda” de muitos países na década de 90 de privatizar o setor, errou ao dar de bandeja o controle a certos grupos. Atualmente, as empresas de telecomunicações se organizam para decidir como serão tarifas, lucro, modelos e sistemas.

A Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) não foi pensada como agência de desenvolvimento do setor e sim como órgão regulador de mercado. “Minha

O discurso da igualdade é positivo, mas a prática deste discurso é diferente



impressão é que o governo tem de tomar uma decisão mais clara”, pontua Jawdat.

Dessa forma, o governo precisa urgentemente estabelecer regras de padrão internacional para as empresas. O que acontece hoje, de acordo com o pesquisador, é que as controladoras têm padrões de lucratividade internacionais, mas os serviços nem tanto. Ou seja, as concessionárias cobram do brasileiro mais do que cobram do europeu, mas não entregam o mesmo serviço que oferecem na Europa e nem pagam os mesmos salários de lá.

E os preços dos serviços aqui são caros e de pouca qualidade. É uma situação que impede um maior desenvolvimento de atividades do setor produtivo. O desafio agora é definir a política para as telecomunicações e assim tornar o consumidor beneficiário dos serviços.

***Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC).**

Investimentos em termoeletricas ultrapassam R\$ 4 bilhões no Ceará

MPX, Endesa, EDP e Petrobras são algumas das empresas que mais investem no Complexo do Pecém na área de energia. Ceará tem ofertado uma boa infraestrutura básica de estradas e terrenos, além do Porto do Pecém como marco de desenvolvimento

por HUGO RENAN DO NASCIMENTO

TERMOELÉTRICAS NO CEARÁ

NOME	CARACTERÍSTICAS
ENERGIA PECÉM (CONSÓRCIO MPX E EDP)	INVESTIMENTO TOTAL DE R\$ 2,6 BILHÕES. CAPACIDADE INSTALADA DE 720 MW
MPX PECÉM II	INVESTIMENTO DE R\$ 1,3 BILHÃO. CAPACIDADE DE PRODUÇÃO ATÉ 365 MW. OPERAÇÃO PREVISTA PARA 2012.
TERMOCEARÁ	A USINA ESTÁ AVALIADA EM US\$ 200 MILHÕES E TEM CAPACIDADE DE 220 MW.
TERMOFORTALEZA	CAPACIDADE INSTALADA DE 346 MW E PRODUZ ENERGIA SUFICIENTE PARA ABASTECER UMA CIDADE DE ATÉ R\$ 1,3 MILHÃO DE HABITANTES.
JOSÉ DE ALENCAR	INVESTIMENTO DE R\$ 300 MILHÕES. EMPREGOS DIRETOS: 100. CAPACIDADE DE 308 MW.

Uma das necessidades para o desenvolvimento econômico de uma região é a disposição de energia para alimentar a quantidade de equipamentos industriais e residenciais. No Ceará, não é diferente. Com os projetos estruturantes dos governos do estado e federal, como siderúrgica, refinaria e indústrias, principalmente no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp), esta necessidade se tornou uma realidade. “As ações de desenvolvimento econômico incluem a preocupação com a geração de energia para a manutenção dos grandes projetos estruturantes e novos empreendimentos a serem instalados na região”, reforça a MPX, empresa do grupo EBX, do empresário Eike Batista, uma das maiores investidoras na área. No estado, já são mais de R\$ 4 bilhões em investimentos em termoeletricas.

O Ceará se tornou, nos últimos anos, um exportador de energia, com uma diversidade cada vez maior, mas reconhecidamente, ainda insuficiente. No estado, há usinas eólicas, solar (em Tauá) e termoeletricas. Entretanto, há possibilidade, segundo a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), de se desenvolverem projetos da cadeia de biodiesel, energia das marés (no Pecém) e as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH's).

Uma das alternativas viáveis para o estado são as termoeletricas. Atualmente, estão em funcionamento duas usinas termoeletricas movidas a gás natural. A Termoceará, de propriedade da Petrobras, e a Termofortaleza, da Endesa, uma holding espanhola que atua na distribuição, geração, transmissão e comercialização de energia.

A primeira tem capacidade instalada de 220 megawatts (MW) e pode abastecer uma cidade de 1,5 milhão de habitantes, segundo a Petrobras. Já a Termofortaleza tem capacidade para gerar 346 MW e fornecer energia a 1,2 milhão de consumidores residenciais e industriais. As duas usinas estão instaladas no Cipp e fazem parte

do processo de instalação de indústria desse porte para a geração de energia no estado.

Neste processo, há ainda outras três usinas em instalação na região do Pecém. A Energia Pecém, consórcio firmado entre a MPX e a portuguesa EDP, e a MPX Pecém II, controlada apenas pela MPX, e que possui área física de instalação junto à Energia Pecém. As duas funcionarão no mesmo terreno. A diferença está no controle acionário.

A quinta usina é a José de Alencar. A termoeletrica é de propriedade da Cauípe Geradora de Energia, da Bertin Energia. José de Alencar está em processo de instalação e a previsão é gerar energia ainda em 2011. De acordo com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a potência da usina será de 308 MW.

Ganhos econômicos

Segundo o economista Pedro Jorge Vianna, do Instituto de Desenvolvimento Industrial (Indi) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), as termoeletricas movimentam a economia cearense, pois geram empregos e renda para a população. Ele também afirma que com a construção das usinas o estado passa agora a ser exportador de energia e não mais importador como antigamente.

Mas o economista reitera a questão ambiental. Vianna diz que o problema de algumas usinas é o material usado, como o carvão mineral. Ele cita como exemplo as usinas de Eike Batista no Ceará. A Energia Pecém e a MPX Pecém II usarão o carvão vindo de reservas da empresa na Colômbia, que produzirão 35 milhões de toneladas do composto por ano. O carvão chegará pelo Porto do Pecém através de uma correia transportadora fechada, com extensão de 12 quilômetros.

Vianna também reconhece que o Ceará ainda não tem mão de obra adequada para estes empreendimentos. Entretanto, ele diz que o estado está se esforçando para suprir a necessidade de mão de obra qualificada.

O economista acredita que as empresas veem no Ceará um estado que tem ofertado uma boa infraestrutura básica de estradas e terrenos, além do Porto do Pecém como marco de desenvolvimento. Segundo ele, o Governo cearense isenta as empresas de pagarem o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) o que acaba atraindo investidores.

Apesar dos atrativos e dos incrementos econômicos que o Ceará adquire com estas

usinas, Vianna diz que o Governo deveria incentivar mais a utilização das matrizes eólica e solar. De acordo com ele, as usinas solares e eólicas não são poluentes e o Ceará tem vocação para produzir energia a partir delas.

Investimentos

O volume de investimentos em termoeletricas no Ceará atinge a marca de bilhões anualmente. Só a MPX, nos três primeiros meses deste ano, investiu R\$ 256,7 milhões em duas usinas. “Desse total, R\$ 107,5 milhões foram investidos na Energia Pecém e R\$ 149,2 milhões na MPX Pecém II.”, informa a empresa.

Desde 2007, a empresa de Eike Batista tem negócios no Ceará. Um dos fatores que a fizeram escolher o estado para construir as usinas foram as condições favoráveis do Cipp. “O Complexo possui um porto apto para a descarga de carvão mineral, infraestrutura de estradas ao seu redor, uma excelente localização geográfica e a perspectiva de empreendimentos de grande porte a serem instalados em um futuro próximo.”, complementa a MPX.

Segundo a empresa, atualmente são gerados 16 mil empregos diretos e indiretos nas duas termoeletricas. A previsão da Agência de Desenvolvimento Econômico do Ceará (Adece) é que a Energia Pecém empregue 360 pessoas quando estiver pronta.

Já a usina José de Alencar tem recursos em torno de R\$ 470 milhões, segundo a empresa que administra a termoeletrica. As outras duas usinas que já estão em operação não divulgaram o valor exato do investimento. A Endesa, dona da Termofortaleza, foi procurada por **Trilha Econômica**, mas não informou os dados.

Questões ambientais envolvidas

O carvão mineral, composto que será utilizado pelas termoeletricas Energia Pecém e MPX Pecém II, é um material que preocupa as autoridades ambientais e especialistas na área. Entretanto, as duas usinas já possuem as licenças, emitidas pela Superintendência do Meio Ambiente do Estado do Ceará (Semace) ainda em 2011, necessárias para a construção de ambas. Para o funcionamento, a superintendência estadual ainda vai emitir as autorizações.

De acordo com a MPX, as termoeletricas serão movidas a carvão mineral, utilizando a Clean Coal Technology (tecnologia de carvão limpo), para redução e controle de emissões.

Segundo a empresa, as termelétricas da MPX são as primeiras do Brasil a utilizar esta técnica, considerada a mais avançada para a queima limpa do carvão mineral. “A Clean Coal Technology permite eliminar 95% das emissões lançadas no meio ambiente e possibilita também a transformação dos resíduos sólidos, resultantes dos processos de geração, em matéria-prima para produção de cimentos, pavimentação de estradas, fertilizantes para a agricultura, além de inúmeras aplicações na engenharia civil”, afirma a empresa.

A MPX destina 30% do investimento total do empreendimento com o emprego das tecnologias para a queima limpa do carvão mineral, segundo a assessoria de imprensa da empresa no Ceará.

Para os fiscais da Semace, Rodrigo Lucena e Liliana Oliveira, sempre haverá impactos no meio ambiente, mas ressaltam que é preciso haver um equilíbrio, uma vez que a

comunidade no entorno será muito atingida. Na região do Pecém, existe possibilidade de haver migrações em massa de pessoas do interior do estado em busca de empregos, segundo Lucena.

De acordo com Oliveira, a Semace tem formado agentes ambientais na região do Pecém. Estes agentes funcionam como guardas ambientais. Não são fiscais, mas comunicam ao órgão quando ocorre algum acontecimento que possa prejudicar o meio ambiente. “Estamos engatinhando no processo de melhoria dos procedimentos para defender o meio ambiente de agressões”, resalta Lucena.

A MPX repassou à Semace R\$ 9 milhões para serem investidos pelo órgão em projetos de compensação ambiental em todo o Ceará. As compensações são uma forma de compensar perdas no meio ambiente, a partir de ações que visem à manutenção de alguma área, segundo Oliveira.



Imagem da primeira usina solar comercial do Brasil em Tauá, interior do Ceará (FOTO: DIVULGAÇÃO)





Chaminés de duas das três unidades das usinas Energia Pecém e MPX Pecém II (FOTO: DIVULGAÇÃO)

A cada edição de **Trilha Econômica** dois jornalistas falam de um tema em comum. A primeira edição traz o Jornalismo Econômico como centro das discussões. Os jornalistas Ana Cristina Cavalcante e Rodrigo de Almeida explicam a importância de fazer jornalismo especializado, como foco em Economia.

O que é que eu tenho a ver com isso?

Por Ana Cristina Cavalcante*

Você já ouviu, pelo menos uma vez, alguém dizer com convicção: “Eu odeio Economia”. Algo na linha “odeio Química”, clássico oitentista assinado por Renato Russo. Mas “odiar Economia”, mais do que uma injustiça tremenda, é pura perda de tempo. Tudo a nossa volta é Economia. Desde a hora que acordamos até o “boa noite, amor”, nosso cotidiano é repleto de... Economia. Ou não é verdade que o café da manhã de todo dia é comprado com o salário/renda, ponta do iceberg da política monetária nacional? E a luz que apagamos ao ir dormir não é gerada por uma matriz energética? É possível “odiar” o pão quentinho com queijo branco ou o conforto proporcionado pela energia elétrica?

Dois autores importantes, Paul A. Samuelson e William D. Nordhaus, simplificam o conceito ao dizerem que esta área do conhecimento humano tão antipatizada pode ser definida como “a ciência social que estuda a forma como as sociedades utilizam os recursos escassos para produzir bens e de como os distribuem entre os vários indivíduos”. A Economia serve para gerir os recursos e sua distribuição. Simples assim.

Noutra linha de pensamento, pode-se entendê-la como o conjunto de relações medidas em moeda e que levam ao consumo. Outros a veem como ferramenta para arrumar a casa (vem do grego *oikos* = casa e *nomos* = costume ou lei). Em suma, é uma ciência que trata de relações humanas – aspecto que pode decepcionar quem acha que Economia é uma ciência exata. Este é o ponto a que eu queria chegar: o tabu que a cerca para torná-la algo indecifrável.

O jornalismo econômico tem sido o caminho para desmitificar a aura de “conhecimento para

poucos iluminados” que o senso comum atribui a esta ciência. A Economia é muito mais simples do que parece. E a cobertura jornalística tem como dever de ofício mostrar isso. É preciso que o cidadão comum compreenda os movimentos econômicos, seus objetivos e suas repercussões. Eis o papel de grande relevância dos veículos e os jornalistas de Economia.

Diferentemente do que acontece com o jornalismo político, a cobertura econômica se dá sobre fatos concretos: os preços que sobem nas prateleiras do supermercado; os juros altos cobrados por cada conta atrasada; os salários que subiram menos que a inflação; e o emprego que fica mais ou menos escasso, dependendo do ritmo do mercado onde o procuramos. A Economia acontece na prática. Embora, paradoxalmente, seja vulnerável a expectativas e humores.

Mas uma coisa sobrevive a todos os movimentos e especulações. Trata-se da razão de ser da Economia. A sua finalidade. O seu propósito. Economia existe para dar qualidade de vida para as pessoas; para ajudá-las a satisfazer suas necessidades e seus desejos. E, se por acaso ainda restar alguma dúvida, sempre que se deparar com alguma questão econômica mais complexa, basta perguntar a si mesmo: o que é que eu tenho a ver com isso? A resposta, certamente, vai provar que a Economia faz parte da sua vida. Inexoravelmente...

”

O jornalismo econômico tem sido o caminho para desmitificar a aura de “conhecimento para poucos iluminados” que o senso comum atribui a esta ciência

***É jornalista econômica, graduada em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com MBA em Economia e Finanças pela Fundação Instituto de Administração, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo – FIA/FEA/USP**

Um novo jornalismo econômico

Por Rodrigo de Almeida*

Quando recebi o convite para escrever na revista **Trilha Econômica**, aceitei de imediato, mas quis conhecer um pouco do projeto. Saber que os três gêneros do jornalismo estariam presentes era básico: informar, interpretar e opinar.

É exatamente aí que a porca entorta e desentorta o rabo. Informar é, em linhas gerais, algo simples. Hoje, qualquer adolescente com um celular nas mãos (e nem precisa ter uma ideia na cabeça) pode ser testemunha de um fato único e noticiar ao mundo.

Já para interpretar, ou traduzir, ou fazer compreender é necessário um conhecimento acima da mediocridade. Entenda, um intérprete entre duas pessoas de idiomas diferentes: obrigatoriamente ele precisará saber falar e expressar-se nas duas línguas. Talvez este mesmo intérprete não tenha o mesmo resultado positivo ao traduzir uma palestra sobre energia nuclear para engenheiros especialistas, por mais que seja fluente no idioma do palestrante sem saber o mínimo do assunto.

Quanto a opinar, fazer juízo de valor sobre

com argumentos e critérios (e sem achismos, claro!). Não se pode (ou não poderia) ter medo de opinar sob pena de perder amigos ou empregos (ou prestígios). Mas acontece. Conheço vários jornalistas (bons e inteligentes, vale ressaltar) que são “aconselhados” a não emitirem opiniões.

A resposta que obtenho é “eles pensam no meu futuro, pensam em algo para mim, e não seria bom vincular o que eu penso com um futuro cargo”. Lamentável. Quem mais critica a censura é quem mais... censura.

Voltando ao jornalismo econômico é como ir além. O jornalista, além de opinar, tem a oportunidade de sugerir ações de melhorias. Com base em trabalho de (pasmel!) reportagem, poderá apurar, checar e construir informes (muito além do antigo modelo do Anuário) que colaborem com o crescimento da região.

Mais do que cooperar com o crescimento, e sim com o desenvolvimento, o jornalista buscaria por soluções, criaria laços entre instituições públicas e privadas, questionaria números, datas, planos, cobraria por resultados, enfim, neste caso, atuaria como um entusiasta, comprometido com a geração de riqueza de sua cidade, estado ou país.

Suas fontes e dados de pesquisas estão disponíveis nos Conselhos de classe, a exemplo dos Conselhos de Economia,

Administração, Contabilidade, Engenharia, e tantos outros envolvidos com a esfera do crescimento e do desenvolvimento, sem mencionar diversos órgãos de educação, que formam (ou aproveitam) tecnólogos destas áreas e afins, e ainda educação continuada.

Neste campo, entram instituições financeiras públicas e privadas interessadas em gerar negócios, e agências que aperfeiçoam homens e mulheres para o trabalho ou para exercerem cargos de liderança (sim, faltam líderes!).

As universidades também disponibilizam intelectuais, muitas vezes, subutilizados nas salas de aulas, que podem cooperar com a formação do jornalista, e, por consequência, da sociedade.

Sim, um jornalismo econômico melhor é possível, e obrigatoriamente passa por um jornalista melhor.

O jornalismo é o contra poder, e alcança seu ápice ao deliberar e ajudar, assim, a formar opinião

determinado assunto, requer uma responsabilidade ainda maior (sem minimizar as demais) do jornalista. Por mais que existam vários adeptos de que o jornalista não poderia emitir opinião, e que no máximo, seja analítico, é exatamente nesta esfera que reside o campo de transformação do trabalho de jornalismo.

De forma alguma que venha a funcionar como um quarto poder. Não mesmo. Mas como disse Zuenir Ventura, o jornalismo é o contra poder, e alcança seu ápice ao deliberar e ajudar, assim, a formar opinião.

Desde as décadas de 1950 e 1960, a “escola de Geraldo Banas” (jornalista alemão que naturalizou-se brasileiro) colaborou com a formação de jornalistas econômicos. Muitos deles capazes de informar, interpretar e opinar de maneira magnífica, e que foram além.

Como ir além? Em linhas gerais, o Ceará possui excelentes profissionais de jornalismo. Não raras vezes, destacam-se exatamente no jornalismo econômico. São profissionais que conseguem, genialmente, informar e interpretar.

Já opinar fica para poucos, o que é ruim. Opinar não pode ser pecado. Opinar é dizer o que pensa,

***É jornalista e publicitário, diplomado e habilitado para as duas profissões. Atua em comunicação corporativa desde 1997. Consultor em gestão de crises de imagem. Autor de contos surreais. Sócio da Central de Comunicação**

A Princesa do Norte não é mais a mesma depois do desenvolvimento

Por Herbênya Alves*

Do latim *reminiscentia*. É a lembrança, é a memória quase apagada de algo que já se foi e não voltará mais. Trazendo à tona recordações passadas vou-me dando conta do quanto o espaço do qual faço parte já foi modificado. Sempre que volto a Sobral, minha terra natal, percebo o quanto a cidade já foi transformada. É o tal do desenvolvimento chegando também ao interior.

Dúvidas inevitáveis vêm à minha cabeça: até que ponto esse desenvolvimento é bom? Quem ganha com tudo isso? A população que está à margem também se beneficia? É complicado mensurar as benesses trazidas em meio a tantas mazelas sociais das quais minha cidade também compartilha. Compreendo

para brincar sozinhas. Elas também não o querem. Preferem ficar em casa assistindo à televisão, jogando a versão mais moderna do *Playstation* ou distraíndo-se em frente ao computador. Foi-se o tempo, meu tempo, em que as crianças divertiam-se brincando de se esconder, de elástico e de bola no meio da rua. A meninada era quem comandava e os motoristas, simplesmente, obedeciam. Mas, apesar de saudosista, também gosto de pensar no futuro.

Estranham-me sentimentos opostos que fazem parte dos meus pensamentos. Se me entristece pensar no que já foi dito, ensejo-me ao ver minha querida Princesa do Norte nos rumos do desenvolvimento, abrindo espaço para a modernidade. De pequena cidade do interior já não resta muito. Sobral agora é uma cidade universitária que recebe estudiosos e descerra caminho para o conhecimento e para o progresso.

Resta, então, que se pense na melhor maneira de minimizar os efeitos negativos desse processo. Pensar em uma economia verde que esteja atrelada ao desenvolvimento, em políticas sociais que permitam que o povo participe, não só como mero espectador, mas também como agente responsável por todas as transformações que vieram e estão por vir.

Sim, é possível, desde que haja boa vontade de quem se dispõe a dar espaço ao progresso, sem, no entanto, esquecer que o verdadeiro desenvolvimento não é aquele que enche os olhos dos investidores, mas o que, pelo menos, busca, assim como a deusa Thêmis, um equilíbrio capaz servir a todas as partes.

Foi-se o tempo em que as crianças divertiam-se brincando de se esconder ””

que nada pode ser em sua magnitude bom, como o contrário também é verdade.

Dilacera-me a alma testemunhar amigos contemporâneos e, até mesmo os mais jovens, permitirem-se levar ao mundo das drogas. Já não vejo mais os vizinhos com suas cadeiras nas calçadas, tricotando, fazendo um crochê, tomando um chá ou um café, enquanto falam da vida de fulano ou beltrano. Até a distração diária dos interioranos perdeu espaço para a violência. Percebo extinguirem-se as casas de portões baixos e jardins cultivados no alpendre a dar as boas vindas à visita que chega.

Passear pelas ruas da cidade de dia já não é como antes. É preciso estar atenta às bolsas e sacolas. As crianças já não saem às ruas

*É sobralense, graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

ANUNCIE AQUI

Contatos:

9918.1980

8760.0535

